

HUMOR: É POSSÍVEL TRADUZI-LO E ENSINAR A TRADUZI-LO?*

John Robert Schmitz**

"Na verdade, o chiste produz um choque liberador que tem o dom de desviar o velho rumo das coisas." (Aracéli Martins, 1994)

RESUMO: O discurso humorístico, presente provavelmente em todas as culturas e sociedades, oferece problemas e dificuldades para o tradutor. O humor em muitas trocas conversacionais contribui para a solidariedade e aumenta o grau de envolvimento entre os locutores que participam da interação. O estudo do humor por parte de alunos de tradução, especialmente em cursos de graduação, possibilita o aprofundamento da sensibilidade lingüística e cultural dos mesmos. A resposta à pergunta se é possível traduzir o humor é: em termos. Quando o humor depende do contexto ou da situação, não existe problema na tradução de piadas e chistes. Todavia, quando se trata de humor que envolva ambigüidade fonológica, semântica ou sintática, é mais difícil traduzir, devido às

ABSTRACT: Humorous discourse, present most likely in every culture and society, creates problems and difficulties for the translator. Humor in many conversational exchanges contributes to the solidarity of the participants and increases the degree of their involvement. The study of humor on the part of students of translation provides an excellent opportunity to deepen their linguistic and cultural sensibility.

The answer to the question if it is possible to translate humor depends on the particular type of humorous discourse. When jokes and jest depend on the situation or context, that is, on the deviation from the normal workings of the world, there is no major problem in translation. However, when it is a question of humor that involves phonological, semantic and syntactic ambiguity, the task is indeed more complex due

* Conferência proferida no âmbito da VIII Semana de Tradução e Interpretação realizada na Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP, no dia 07 de outubro de 1992.

** Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

diferenças estruturais entre a língua de partida e a língua de chegada. Cumpre observar que o critério para a tradução de piadas de uma determinada língua para outra não deve ser baseado na reconstrução de um determinado texto humorístico original. O essencial não é a fidelidade ao texto original mas o comprometimento de (re)criar um efeito humorístico na língua de chegada. Sugere-se que o estudo do humor em cursos de tradução para alunos de graduação apresente uma excelente oportunidade para aprofundar não somente a sensibilidade lingüística mas também a conscientização inter-cultural dos aprendizes.

UNITERMOS: Discurso humorístico; Tradução; Taxonomia de humor; Ambigüidade; Piada; Adivinhas.

Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo? Responder a essas perguntas não é fácil. O humor é um discurso ou um gênero bastante complexo, muito ligado à cultura de um povo. O humor em forma de um dito engraçado ou espirituoso, seja escrito ou oral, apresenta para o tradutor, no seu trabalho cotidiano, um conjunto de problemas de ordem lingüística e cultural, que precisa ser pensado a fim de propiciar uma tradução adequada de um texto considerado humorístico.

O que é considerado engraçado é subjetivo. Existem milhares de piadas, chistes e adivinhações para todos os gostos. Há indivíduos que dificilmente apreciam o humor de um determinado tipo de piada. Outros que não toleram as piadas, tachando-as com os adjetivos "infantis", "ridículas", "horrríveis" ou "infames". Por outro lado, há aqueles que se deleitam com uma piada ou uma história humorística. Alguns falantes inventam piadas, outros se lembram de um grande número, guardando-as na memória, para usar

to the structural differences between the source and target language. It is important to observe that the criterion for the translation of jokes from a specific language to another should not be based on the reconstruction or recreation of an original humorous text. What is essential is not faithfulness to the original, but the obligation to re(create) a humorous effect in the target language. I argue in this paper that the study of humor in undergraduate courses in translation presents an excellent opportunity to deepen not only the linguistic sensibility but also the students' inter-cultural awareness.

KEY-WORDS: Translation; Humorous discourse Taxonomy of humor; Ambiguity; Joke; Jest; Riddle.

num momento adequado. Em certas trocas conversacionais, a piada serve para ajudar os participantes, facilitando a interação e promovendo solidariedade entre os mesmos. Schmidt (1992), apud Fillmore (1979), observa que um falante, considerado fluente, tem um controle excepcional "...over the aesthetic functions of language, including creativity and imagination, punning, joking, the creation of metaphors, and so on."

O tradutor que se especializa em textos científicos, técnicos ou jurídicos provavelmente não terá contato com o humor devido à natureza desses tipos de discurso. Muito diferente é o caso do tradutor literário que tem muitas oportunidades de lidar com a linguagem humorística. A literatura oferece grandes desafios e apresenta um palco para mostrar criatividade e originalidade durante o ato tradutório.

Este trabalho tem por finalidade tecer comentários a respeito da tradução de textos hu-

morísticos. Argumenta-se que o tradutor, especialmente o iniciante, precisa, durante o curso de graduação na área de tradução, ter contato com uma variedade de textos, inclusive os do tipo humorístico, como piadas, trocadilhos, advinhações e tiradas, que contribuem para fazer alguns ouvintes rirem ou pelo menos sorrirem. A cada ano, a literatura especializada aumenta consideravelmente. Os trabalhos de Dolitsky (1983), Long e Graesser (1988) e Norrick (1994) apresentam intravistas a respeito do papel do humor nas línguas naturais. Rubin (1982) analisa o papel do humor na literatura, especificamente na literatura norte-americana. Quanto aos problemas envolvidos na tradução da linguagem humorística, tem-se os trabalhos de Liebold (1989), Laurian (1992) e Nilsen (1989).

O trabalho será dividido em quatro partes. Na primeira, pretendo tecer comentários sobre a natureza lingüística, psicológica e social do humor. Na segunda parte, vou comentar alguns trabalhos oriundos da bibliografia especializada sobre a (im)possibilidade de traduzir o humor e as dificuldades surgidas na tentativa de traduzir textos humorísticos para diferentes línguas. Na terceira parte, vou apresentar alguns exemplos do tipo de humor possível de se traduzir, e também tipos de humor difíceis ou até impossível de se traduzir sem uma recriação total da situação ou conteúdo humorístico. Por fim, concluirei o trabalho com algumas considerações sobre a utilização do discurso humorístico no curso de tradução em nível de graduação.

1. ALGUNS ESTUDOS SOBRE O HUMOR: FENÔMENO LINGÜÍSTICO, PSICOLÓGICO E SOCIAL

Long e Graesser (1993) apresentam uma taxonomia de piadas com uma excelente análise

se da linguagem humorística. Os autores dividem as piadas em dez diferentes categorias como (1) disparates, (2) sátira social, (3) humor filosófico, (4) sexual, (5) hostil, (6) derogativo para com os homens, (7) derogativo para com as mulheres, (8) humor étnico (racista), (9) "doentio" e (10) sociológico. O humor ou a linguagem humorística também é classificada em dez tipos diferentes, com base na finalidade ou papel que cada tipo de discurso humorístico desempenha, tais como (i) ironia, (ii) sátira, (iii) sarcasmo e hostilidade, (iv) narração incompleta (atenuação) e exageração (relato hiperbólico), (v) auto depreciação, (vi) caçoada, (vii) respostas engenhosas, (viii) duplo sentido, (ix) transformação de expressões fixas e (x) trocadilhos.

Dolitsky (1984) observa que o humor está essencialmente baseado no não-dito, isto é, na informação que os ouvintes não sabem durante o momento do relato da piada. Ocorre no final da mesma uma "surpresa", devido a uma expectativa diferente por parte dos ouvintes. Dolitsky escreve:

A essência do humor exemplifica-se na percepção por parte dos membros da platéia da habilidade do narrador sempre após o relato em guiá-los através do caminho espinhoso das falsas hipóteses fazendo portanto com que sejam enganados por suas próprias associações.¹

Norrick (1994) analisa uma variedade de piadas, contadas por alguns falantes de língua inglesa. Eles armazenam o que esse autor chama de *stock conversational witticisms* (doravante

¹ As traduções das citações apresentadas neste trabalho em língua estrangeira para o português são minhas e da minha responsabilidade.

SCWs), isto é, comentários humorísticos, por eles produzidos, e aproveitam-se de ocasiões surgidas durante as conversações diárias para reutilizar os mesmos. Outros SCWs são apropriados de colegas e amigos, programas de televisão, filmes, peças de teatro e livros. Em geral, são inseridos em momentos específicos nas trocas conversacionais. Norrick observa que a motivação para a utilização de SCWs se deve a três razões. Em primeiro lugar, o uso dos mesmos marca o integrante como membro de um grupo, servindo como sinal de sua identificação com o mesmo. Em segundo lugar, o uso da linguagem humorística reduz a possibilidade de tensões entre os vários falantes; finalmente, o uso de piadas e trocadilhos, palavrões e insultos potenciais indica um clima de camaradagem entre os participantes. Recorrendo ao trabalho pioneiro de Brown e Levinson (1978), Norrick (1984) observa que a suspensão de uso da linguagem polida e formal por parte de um determinado falante indica o quanto ele se sente à vontade. Mostra que o referido falante se sente entre amigos e não em companhia de estranhos, com os quais é preciso ter polidez e cuidado.

Pepicello (1987) comenta que as piadas funcionam como exercícios na utilização da linguagem, na prática de normas sociais e no ensaio de categorias culturais importantes para a sociedade. Segundo esse autor, a linguagem humorística apresenta aos usuários de determinada língua uma oportunidade para o uso de uma "retórica informal", um dos elementos básicos no intercâmbio conversacional cotidiano.

Raskin (1987) afirma que o estudo do humor deve ser interdisciplinar. Ele propõe uma teoria semântica do humor. A contribuição da lingüística à pesquisa no campo do humor, segundo Raskin, está baseada na oposição verdadeiro/não verdadeiro, virtual/não virtual, possível/não possível, normal/não normal, bom/mal, existência de sexo/

inexistência de sexo, abundância de dinheiro/escassez de dinheiro, vida/morte.

Mejía (1990) também insere a piada no âmbito da conversação diária. Em suas próprias palavras:

Graças à etnografia da fala podemos hoje inscrever a piada, como ato da fala, na conversação como evento da fala, junto a outros atos da fala bem próprios da conversa ritual sobre tópicos estereotipados como as mudanças climáticas, as falhas dos noticiários, as fraquezas dos outros, a insuportável leveza do ser e os dias nos quais somos tão lúgubres.

No que diz respeito ao papel de humor na literatura, Rubin (1982), no artigo *The great American joke*, faz um apelo para que se estude o humor e o texto cômico na área de crítica e estudos literários. O autor comenta que temas humorísticos têm sido muito pouco estudados em comparação com textos trágicos.

O estudo da tragédia tem ocupado uma posição mais alta na hierarquia de estudos literários, segundo Rubin. De acordo com o autor, a comédia não é considerada *séria* por parte de alguns críticos literários e professores de literatura. Observa, ainda, que a palavra *séria* é usada com duplo sentido para se referir a algo importante, por um lado, e a algo que está desprovido de humor, por outro. O autor sugere que se estude o humor e o cômico na literatura, pois o humor também pode ser sério e de nenhuma maneira banal.

2. ALGUNS ESTUDOS SOBRE A (IM)POSSIBILIDADE DE TRADUZIR O HUMOR

Liebold (1989) argumenta que a tradução do humor é possível e propõe, em primeiro

lugar, uma tradução para o inglês dum romance policial de autoria do escritor francês Frédéric Dard (San Antonio) muito lido na França de hoje. Em segundo lugar, Liebold apresenta uma tradução dos neologismos inventados por Dard. A seguir, se tem um trecho do romancista francês:

Le vieux birbe enfonce sa piécette d'un mark (dans le zinzin). Il titouille les bistounets. Ça clabrille un peu partout, ça gringue, des lumières se font entendre.

Liebold (1989) sugere a seguinte tradução de francês para o inglês:

The old bozo stuffs his teeny coin in the doodad. He fingles the knoberoo. The thing clablinks all over, it jangles, flashes light with a clang.

Sempre ocorre uma perda no ato tradutório, mas creio que a solução encontrada por Liebold é bastante criativa e mostra que é possível, pelo menos neste caso, traduzir o humor. A autora comenta:

A tradução do humor é um desafio estimulante. Exige a decodificação exata do discurso humorístico em seu contexto original e a transferência desse discurso para um contexto lingüístico e cultural diferente e com frequência díspar, além de sua reformulação num novo enunciado que recupera com sucesso a intenção da mensagem humorística original e evoca para o público da língua de chegada uma reação equivalente de prazer e graça (ênfase de Liebold, 10).

Nilsen (1989) vai além de Liebold (1989), argumentando que a tradução do humor de uma língua-fonte para uma língua-alvo deve ser melhor do que a original. Não há no artigo exemplos convincentes que sustentem essa colocação. Além disso, qual seria o critério para julgar a tradução “melhor” do que o original? Seguindo as colocações de Robinson (1991), esta postura de Nilsen representa a visão ocidental de tradução, na qual a inspiração divina permite que o tradutor vá além das palavras do texto original ...to God's true meaning, God's Logos, and to translate it so perfectly that the translation supersedes the original (p. 55).

Laurian (1992) argumenta que frequentemente é necessário adaptar a realidade, à qual se refere um texto, a fim de obter um efeito humorístico na língua alvo. A autora comenta que a seguinte piada em língua inglesa oferece problemas na tradução francesa, devido a problemas culturais:

Last time I went to the doctor I saw the sign on his door. It said: 10 to 1. So, I went back home. I want better odds than that. (Laurian, 1992, p. 111, apud. True 1988:17).

Essa piada, segundo Laurian, não oferece ao tradutor dificuldade no nível lexical ou sintático mas sim no nível morfológico. Há problemas em francês, pois a preposição *to* na locução “10 to one” tem duas formas diferentes em francês, de acordo com o contexto. Numa situação, *10* pode se referir à hora do dia e noutra situação pode se referir a uma aposta. No primeiro contexto, em francês, a tradução de *10* em “10 to” seria a preposição *a*, que se refere à hora do dia, ao passo que, no segundo, a tradução do inglês *to* seria a preposição *contre*. Existe

também outra dificuldade na tradução da piada acima referida. Segundo Laurian, um horário seria marcado com a letra *h* da palavra *heure*, “hora”, isto é, 10h-1h. Observa-se que, devido a essas dificuldades, a tradução da piada não seria feliz. Daí, pode-se concluir que nem sempre é possível transportar uma piada de uma língua para outra. À guisa de ilustração, menciona-se outra piada apresentada por Laurian que representa um desafio para o tradutor:

Famed Chinese diplomat attended gala reception in Washington in early part of the day. Senate lady, trying to make polite conversation, asked: Dr. Wong, what “nese” are you? Chinese, Japanese or Javanese? “Chinese” he replied, and you Madam? What “kee” are you? Monkey, donkey or Yankee? (Laurian, (1992), p. 114).

Laurian apresenta em língua francesa uma tradução dessa piada. Em português seria importante procurar nacionalidades e animais que causariam um efeito humorístico como no caso do inglês.

Nem sempre uma determinada língua tem os recursos lexicais necessários para um jogo de palavras engraçado.

Para elaborar uma tradução, na qual o humor do original é mantido, seria necessária uma reestruturação básica junto com uma dose de criatividade por parte do tradutor.

Não subscrevo a uma visão logocêntrica da tradução que tenta, a qualquer custo, proteger o significado do “original” ou de extrair um significado único. No caso da tradução de piadas e outros textos humorísticos de determinada língua-fonte para uma língua-alvo, o essencial é reconstruir ou recriar um efeito humorístico da própria língua-alvo, ainda que haja mudanças

mínimas ou mesmo drásticas na própria língua de chegada. Daí se vê que é plenamente admissível mudanças do tema e também da situação do chiste ou piada, pois a fidelidade ao texto original e a insistência no significado único do mesmo não procedem. Esta postura conduz em certos casos até uma troca de piada, especialmente quando o tradutor não encontra recursos adequados na língua de chegada.

Tendo feito comentários a respeito da dificuldade e da impossibilidade, em certos casos, de traduzir o humor, passo, na terceira parte deste trabalho, a apresentar exemplos em português e em inglês de textos humorísticos: (i) possíveis de traduzir e (ii) difíceis ou impossíveis de traduzir sem uma reorganização total.

3. A TRADUÇÃO DO HUMOR

(A) Textos do inglês para o português

As piadas, nas quais o humor se origina do contexto e não da linguagem, em geral, não oferecem grandes problemas para o tradutor. Observam-se os exemplos retirados de Fechtner (1981) que seguem:

Last week I went fishing and all I got was a sunburn and mosquito bites.

Na semana passada eu fui pescar e tudo o que consegui na pescaria foi uma bela duma queimadura e um montão de picadas de mosquito.

*Do fish grow fast?
Sure. Every time my Dad mentions the one that got away, it grows another foot.*

*Os peixes crescem depressa?
Com certeza. Cada vez que o meu pai*

se refere àquele que escapou, ele cresce mais meio metro.

Quando o humor se origina da ambigüidade fonológica, semântica ou sintática da própria língua-alvo, isto é, de problemas estruturais formais de um determinado idioma, surge a possibilidade de ocorrerem problemas e dificuldades de tradução. Observa-se, à guisa de ilustração, as piadas retiradas de Tidwell (1956) que se seguem:

She bought an apple and a lemon. The apple was a peach but the lemon was a lemon.

What is the difference between stabbing a man and killing a hog? One is assaulting with intent to kill and the other is killing with intent to salt.

No que diz respeito à primeira, cumpre observar que o vocábulo *peach* se refere a qualquer coisa considerada excelente, ao passo que *lemon* se refere a uma coisa julgada ser ruim ou infeliz. Obviamente, é difícil ter uma tradução “procedente” em português, porque as duas frutas correspondentes nessa língua, *pêssego* e *limão*, não têm entre seus significados a acepção idiomática das referidas palavras inglesas. Uma possível tradução sugerida por um dos leitores deste trabalho é a seguinte: *A maçã era um doce e o limão, um abacaxi*. Outra possibilidade: *Ela comprou uma maçã e um abacaxi. A maçã estava uma uva, mas o abacaxi estava um abacaxi*. Laubitz (1983) observa que o ato tradutório ocasionalmente acarreta uma mudança no conteúdo informacional total de um texto (p. 391).

Com respeito à segunda piada em inglês, existe um jogo de palavras entre *assault* “atacar fisicamente uma pessoa” e *salt* “salgar ou temperar uma comida”. Esse tipo de humor é realmente impossível de traduzir.

(b) *Textos do português para o inglês:*

Possenti (1991), um dos poucos lingüistas brasileiros que estudam o humor, apresenta uma piada que não seria difícil de traduzir para o inglês:

– *Então, o senhor sofre de artrite?*
É claro! O que o senhor queria? Que eu desfrutasse de artrite, que eu usufruísse de artrite, que eu me beneficiasse de artrite?

– *So, you suffer from arthritis?*
Of course, what do you expect?
Should I enjoy arthritis, benefit from arthritis, take advantage of arthritis?

Há, todavia, outras piadas que, devido à estrutura da língua portuguesa, seriam mais difíceis de serem traduzidas e ofereceriam um certo desafio para o aluno-tradutor iniciante, como por exemplo:

– *Foi quando chegou o amigo do Manuel e o convidou:*
 – *Ó gajo! Estou a lhe convidaire para a festa de quinze anos de minha filha.*
 – *Está bem, patrício. Eu irei. Mas ficarei no máximo uns dois anos....*

Essa piada tem um efeito humorístico para alguns falantes ocasionando uma “surpresa” para os mesmos devido à interpretação equivocada por parte de um dos interlocutores da expressão *festa de quinze anos*. Há um duplo desafio para o tradutor. Como traduzir *festa de quinze anos* em língua inglesa, por um lado, e re(criar) um efeito humorístico nessa língua de chegada? Davies (1987) analisa piadas étnicas de mais de vinte países em que um determina-

do grupo ridiculariza a outro. Nesse tipo de piada, segundo a autora, o alvo *eles* são considerados de pouca inteligência, portanto, inferiores, ao passo que os narradores da piada são normais e, por isso, superiores.

Na minha opinião é importante que os alunos de tradução tenham algum contato na aula de tradução com a literatura teórica a respeito do humor para possibilitar uma melhor conscientização do papel dos textos humorísticos no relacionamento humano. Martins (1994), num estudo psicológico sobre o humor em geral e, especificamente sobre o humor étnico-religioso, afirma que esse tipo de humor é destrutivo. Todavia, a falta de humor também não é bom. Um senso de humor realmente tem um valor terapêutico. Segundo ela (p. 94):

Depois de rir de mim mesmo posso rir dos outros, que meu riso não será nem cínico nem cáustico; e se ele tiver alguma característica, esta estará no lugar certo, dirigindo-se a um alvo adequado, e não apenas ao diferente de mim mesmo.

Ainda há outro tipo de piada, as adivinhas que dependem da estrutura específica do português para serem engraçadas:

*Por que o boboca comprou 30 bolas de vôlei para jogar apenas uma partida? Resposta: Porque ele pensou que teria de usar uma nova cada vez que no jogo houvesse uma cortada.
O que é que eu jogo numa mesa, que é melhor jogado numa cadeira? Resposta: paciência.²*

² As adivinhas representam uma fonte popular do humor útil para o tradutor no seu trabalho. Cf. *Coquetel - o que é, o que é?* 350 adivinhas. Ediouro, Editora Tecnoprint Ltda., 1983.

4. CONCLUSÃO: O USO DO DISCURSO HUMORÍSTICO NA SALA DE TRADUÇÃO

O humor é um fenômeno humano básico, que todas as culturas, sociedades e classes sociais conhecem. Num colóquio internacional organizado em 1988, em Paris, pela Associação Francesa pelo Desenvolvimento de Pesquisa sobre o Cômico, O Riso e o Humor, foi debatida a questão se existe ou não um humor especificamente francês. Um resultado do referido colóquio foi a publicação do volume intitulado *L'Humour d'Expression Française. Humoresques, Actes du Colloque International*, Paris, 27-30 juin 1988, Z'éditions, 1990.

É difícil de se pensar numa sociedade ou grupo que não conheça alguma manifestação de humor. Vários especialistas, numa variada gama de disciplinas, têm estudado o humor. Um dos pioneiros é o psicanalista austríaco Sigmund Freud. Antropólogos, sociólogos, psicólogos e mais recentemente lingüistas têm analisado o humor e o papel do mesmo na sociedade humana. Cumpre observar que existe uma revista especializada, intitulada *Humor*, dedicada ao estudo do discurso humorístico. Uma revista de renome, que tem como política editorial somente a elaboração de números temáticos, dedicou um volume aos aspectos lingüísticos e culturais envolvidos no discurso humorístico (Apte 1987).

No campo de ensino de línguas estrangeiras, alguns especialistas como Matos (1974) recomendam a apresentação de humor na sala de aula e também no livro didático. King, Ridout e Swan (1981) apresentam uma variedade de piadas em diferentes categorias para a apreciação do humor britânico.

Na área de tradução, os trabalhos de Laurien (1992), Liebold (1989) e Nilsen (1989) marcam o início de uma reflexão.

É importante que o aluno de tradução, especialmente o iniciante na área nos cursos de graduação, tenha acesso ao discurso humorístico para conhecer melhor a língua-alvo e também a própria língua-fonte. A utilização do humor na sala de aula de tradução possibilita o estudo da(s) cultura(s) onde a língua-alvo é falada. Para Laurian (1992) o ensino e a tradução são atividades interligadas no confronto e análise de diferentes culturas. Nas suas palavras:

A tradução e o ensino são um meio para mostrar que outras nações e outros povos existem, percebem o mundo e pensam diferentemente.

Retomando a taxonomia de piadas e do humor proposta por Long e Graesser (1988), observa-se que o estudo do discurso humorístico na sala de aula de tradução apresenta para os graduandos a oportunidade de ter contato com diferentes contextos lingüísticos nos quais o humor é inserido. O conhecimento da grande variedade de situações onde o humor ocorre contribuiria muito para uma conscientização do aluno de tradução com respeito à linguagem e à função do humor no relacionamento humano.

O primeiro tipo de piada mencionado pelos referidos autores, isto é, o disparate ou *nonsense joke*, mesmo considerado "infame" pelos falantes nativos mais exigentes com respeito ao humor, é recebido pelos mesmos como um jogo lingüístico entre *butcher* ("açougueiro") e sua semelhança fonológica com *Put your arms around me, honey*. ("Abraça-me, agarra-me firme, querida").

"Knock, knock"

"Who's there?"

"Butcher"

"Butcher who?"

"Butcher arms around me honey, hold me tight".

O estudo de textos lingüísticos possibilita o conhecimento mais aprofundado da língua-alvo. Uma língua estrangeira sempre será estrangeira se o aprendiz não domina o idioma em todos os aspectos comunicativos nos níveis fonológico, sintático, semântico e pragmático. Um exemplo da taxonomia de piadas da categoria "sátira social" do trabalho de Long e Graesser (1988) mostra como um determinado grupo é visto pelos outros membros da sociedade:

The trouble with political jokes is that they often get elected.

O problema com piadas políticas é que geralmente acabam sendo eleitas.

O falante não-nativo em certos casos tem dificuldade em entender certas piadas e pensa que o senso de humor do falante estrangeiro é diferente, estranho ou é até tachado de ser "esquisito". Mas a dificuldade maior para a compreensão de piadas em geral se deve a problemas lingüísticos e também culturais por parte do aluno não-nativo. É impossível apreciar o humor da piada norte-americana que se segue a não ser que se saiba que existe um confronto entre os vocábulos *profits* ("lucros") e *prophets* ("profetas") que são homofônicas em inglês, e entre *attorney* ("advogado") e *minister* ("pastor"), pois os eventuais ouvintes da piada sabem que o pastor de uma determinada religião tem familiaridade com os profetas bíblicos e que os advogados são altamente remunerados nos EUA onde alguns membros desta profissão são até criticados pela sua ganância.

Why is the attorney like a minister?

Because he studies the law and the profits.

Norrick (1984) relaciona o grau de envolvimento ou engajamento por parte de dois ou três indivíduos que participam de uma conversação e a presença ou ausência de humor no intercâmbio. Numa troca conversacional, o humor mesmo sarcástico ou agressivo contribui para reduzir a tensão entre os participantes possibilitando um clima de solidariedade e aumentando o envolvimento dos mesmos na interação.

O estudo da análise da conversação e as estratégias usadas pelos falantes no que diz respeito ao humor é essencial para um aprofundamento da sensibilidade lingüística e cultural dos alunos de tradução. O futuro tradutor ou tradutor-intérprete precisa ter contato com a análise da conversação e com a análise do discurso.

O estudo do humor apresenta um conteúdo rico para os cursos de tradução. O referido curso não visa apresentar meramente regrinhas e receitas para a formação de técnicos. Muito ao contrário, esses cursos devem ser interdisciplinares, abrangendo a psicologia e a lingüística, por um lado, e a sociologia e a antropologia, por outro.

Para Martins (1994), o conhecimento do humor é importante, pois o bom humor, cujo poder básico é o de introduzir uma nova ordem diante da rotina cotidiana, contribui para libertar a psique do ser humano. Ao referir-se aos indivíduos

os que sofrem de "mau humor", a psicóloga observa que as energias do indivíduo mal-humorado não fluem bem. Segundo Martins, o mau humor, em certos casos, está ligado ao humor negro. Grupos minoritários e tudo que é diferente da cultura dominante são os alvos prediletos das pessoas que consideram engraçado o humor negro. Este tipo de humor é destrutivo e nada liberador. Segundo ela:

O riso de escárnio gratuito é a antítese do movimento expansivo e aproximador. E só funciona para cavar distância entre as pessoas – do lado de cá ficamos nós, e do lado de lá os diferentes.

Finalmente, a apresentação de textos humorísticos para análise e discussão em oficinas de tradução propiciará alguns momentos de descontração no trabalho, às vezes árduo, do aluno-tradutor na sua formação profissional.

Agradeço a leitura, comentários e sugestões feitas pelos colegas Eunice Henriques, Sírio Possenti, Sandra Madureira, pela doutoranda Nice Bonatti e Maria Sandra Gonçalves. A responsabilidade pelas afirmações é minha.

BIBLIOGRAFIA

- APTE, M. L. org. (1987) *Language and humor, International journal of the sociology of language*, p. 65.
- BROWN, P. e S. L. (1978) *Universals in language usage: politeness phenomena*. In: E. GOODY, org. *Questions and politeness*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DAVIES, C. (1987) *Language, identity and ethnic jokes about stupidity*. In: M.L. APTE, org..
- DOLITSKY, M. (1983) *Humor and the unsaid, Journal of pragmatics* 7, p. 39-48.
- FECHTNER, L. (1981) *5,000 one and two liners for any and every occasion*. West Nyack, N.Y., Parker Publishing Company, Inc..
- FILLMORE, C. J. (1979) *On fluency*. in: C. FILLMORE, D. KEMPLER e W.S.Y. WANG (orgs.) *Individual differences in language ability and language behavior*. New York, Academic.

- KING, J., RIDOUT, R e SWAN, D. K. (1981) *The book of British humour*. Essex, Longman.
- LAUBUTZ, Z.(1983) *The gain and loss of information during translation*. In: A. MANNING, P. MARTIN e K. McCALLA. *The tenth lacus forum*. Columbia, S.C., The Hornbeam Press.
- LAURIAN, A. (1992) *Possible/impossible translation of jokes*. *Humor* 5-1/2, p. 111-127.
- LIEBOLD, A. (1989) *The translation of humor; who says it can't be done?*, *Meta*. XXXIV, 1.
- LONG, D. e GRAESSER, A. G. (1988) *Wit and humor in discourse processing*, *Discourse processes*. 11, p. 35-60.
- MARTINS, A. (1994) *Entendendo o humor*. São Paulo, Paulus.
- MATOS, F.G. de. (março, 1974) *Humo(ur): A neglected feature in foreign language teaching*, *Creativity: new ideas in language teaching*, nº 8.
- MEJÍA, V. V. (1990) *Chiste e conversación*, *Lingüística y literatura*, p. 17.
- NILSEN, D.T. (1989) *Better than the original: humorous translations that succeed*, *Meta*. XXXIV, p. 1.
- NORRICK, N.R. (1984) *Stock conversational witticisms*, *Journal of pragmatics* 8, p.195-209.
- NORRICK, N.R. (1994) *Involvement and joking in conversation*, *Journal of pragmatics* 22, p. 409-430.
- PEPICELLO, W. J. (1987) *Pragmatics of humorous language*, In: M.L. APTE, org..
- POSSENTI, S. (1991) *Pelo humor na lingüística*. *D.E.L.T.A.* vol. 7, nº 2, p. 491-519.
- RASKIN, V. (1987) *Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach*. In: M.L. APTE, org..
- ROBINSON, D. (1991) *The translator's turn*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- RUBIN, L. D. (1982) *The great American joke*. In: L.J. RUBIN, org. *The comic imagination in American literature*. Washington, D.C., Voice of America forum series.
- SCHMIDT, R. (1992) *Psychological mechanisms underlying second language fluency*, *SSLA*, 14, p. 357-385.
- TIDWELL, J. N., org. (1956) *A treasury of American folk humor*. New York, Crown Publishers, Inc..

